

[informe)ieb

n. 27

ISSN: 2763-7727

[

)
[
[

Instituto de
Estudos
Brasileiros



)

[editorial)

O *Informe IEB 27* reafirma o papel do Instituto de Estudos Brasileiros da USP como espaço acadêmico, mas também de preservação, reflexão e difusão cultural, reunindo textos que traduzem a riqueza e a diversidade de iniciativas, pesquisas e práticas desenvolvidas por toda a comunidade IEB, intra e extramuros.

A edição abre com a homenagem a Tom Zé em relato que documenta a primeira distinção concedida pelo Instituto a um artista pela contribuição à cultura brasileira. Em 24 de junho de 2025, a cerimônia, realizada no Auditório István Jancsó, reuniu fãs, amigos e professores, que ressaltaram a importância de sua obra, com mensagens de Frei Betto e Guilherme Grandi lidas durante o evento. Após receber a placa de homenagem e reconhecimento, Tom Zé presenteou o público com canções e histórias, encerrando a noite com autógrafos e fotos. O registro desse momento histórico foi feito por Denise de Almeida Silva e Mirele Gomes da Conceição.

Na sequência, Vanessa Costa Ribeiro apresenta os bastidores da exposição *Flávio Império: tens a vontade e ela é livre na Pina Estação*, revelando o longo processo de preservação, catalogação e difusão do acervo desse artista múltiplo, cuja obra continua a dialogar com públicos contemporâneos. Vanessa apresenta o percurso de constituição e preservação do acervo do artista – arquiteto, cenógrafo, figurinista, professor e artista plástico – desde as iniciativas da Sociedade Cultural Flávio Império até sua incorporação ao IEB em 2016. Trata-se de um relato que evidencia

o esforço coletivo de catalogação, conservação e restauro que hoje possibilita ao público ter acesso à diversidade e atualidade da obra de Flávio Império.

O professor Marcos Antonio de Moraes assina o texto “Arte urbana: potencialidades”, que reflete sobre o curso realizado em parceria com o Sesc-SP, destacando as dimensões estéticas e sociais da *street art*. O autor apresenta a proposta do evento – seminário e oficina de criação – que reuniu artistas como Andréa Tolaini, Claudio Ethos, Mag Magrela e Thiago Goms, destacando suas trajetórias, linguagens e engajamentos sociais. A narrativa ressalta tanto o papel democratizante da arte urbana quanto a vivência coletiva proporcionada, que culminou na realização de obras no espaço público da cidade, reafirmando a potência transformadora da *street art*.

Em “Entre afetos: quando Capulanas e Memórias Carandiru ocupam o IEB/USP”, Adriana Paixão, Débora Marçal, Flavia Rosa e Jessica Nascimento Olaegbé (Capulanas Cia de Arte Negra) apresentam a potência política e comunitária de suas práticas artísticas e memoriais desenvolvidas junto a Helen Baum, Mauricio Monteiro, Nádia Lima e Walter Santos (Coletivo Memórias Carandiru). No texto as autoras divulgam as propostas estéticas e políticas dos dois coletivos – a Capulanas Cia de Arte Negra e o Coletivo Memórias Carandiru – que transformaram a sala expositiva do IEB em espaço de memória, resistência e afeto. Nesse espaço, objetos, *performances* e rodas de conversa articularam lembranças ancestrais,

denúncias de violência do Estado e práticas de cuidado comunitário, em um gesto de afirmação da vida, da memória e da justiça social.

José Cirilo da Silva Neto e Vivian Hatsumi Makia, pós-graduandos do IEB/USP, apresentam ao leitor o projeto “Brasil, quantos passos?”, desdobramento da I Mostra Científica Discente da Pós-Graduação do Instituto. A iniciativa, apoiada pela Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (PRIP/USP), promoveu uma exposição itinerante e rodas de conversa em espaços significativos da cidade de São Paulo, como a Ocupação 9 de Julho e a Festa do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França. O relato evidencia como pesquisas acadêmicas em torno da negritude foram compartilhadas com comunidades em diálogo com práticas artísticas e culturais, fortalecendo a extensão universitária e a circulação de saberes para além do espaço acadêmico.

Os dois textos seguintes reafirmam os compromissos do IEB com a internacionalização. Marcos Antonio de Moraes, professor do IEB/USP e coordenador na parte brasileira do Convênio IEB-BYU, apresenta ao leitor relato sobre recente edição do programa de intercâmbio entre o Instituto e a Brigham Young University (BYU), dos Estados Unidos. Marcos descreve a experiência dos estudantes estrangeiros em diferentes setores do IEB – Arquivo, Biblioteca, Coleção de Artes Visuais e Laboratório de Conservação e Restauro –, destacando tanto a formação prática adquirida pelos alunos, quanto suas contribuições para o Instituto. O texto evidencia,

assim, o caráter transformador do convívio com os acervos brasileiros, a vivência cultural proporcionada e o fortalecimento da cooperação internacional que, desde 2012, amplia os horizontes acadêmicos do Instituto.

A seguir, por meio do relato de Mônica Guilherme e Alice Gontijo, do Laboratório de Conservação e Restauro do IEB/USP, o leitor é apresentado à oficina realizada, no referido laboratório, pelos estudantes intercambistas da BYU. As autoras descrevem as atividades práticas de conservação e restauro de documentos do acervo de Inezita Barroso que envolveram desde o diagnóstico até procedimentos de higienização, desacidificação, reparo e acondicionamento. Mônica e Alice destacam, assim, como a experiência possibilitou aos participantes contato direto com o patrimônio documental brasileiro, ao mesmo tempo que reforçou o caráter colaborativo e interdisciplinar do IEB, reafirmando o compromisso institucional com a preservação cul-

tural e a formação de novas gerações de pesquisadores.

Ainda tratando de alunos, dessa vez graduandos da Universidade de São Paulo, o professor Jaime Tadeu Oliva destaca a participação de dois pesquisadores do IEB na Etapa Internacional do 32º SIICUSP em 2025. O autor apresenta a pesquisa de Giovanna Junqueira Paz, orientada por Monica Duarte Dantas, sobre a maçonaria no Rio de Janeiro no século XIX, destacada com menção honrosa por dois anos seguidos, e o trabalho de Julio Cesar Machado Carvalho, orientado por Marcos Moraes, voltado à correspondência de Cassiano Ricardo.

O *Informe IEB* se encerra com texto de Dulcília Helena Schroeder Buitoni sobre o mais recente volume da *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (RIEB 91)*. A autora destaca a tradição da revista como espaço multidisciplinar de reflexão sobre culturas e identidades brasileiras e

apresenta os artigos reunidos nesse volume, que transitam entre séculos, fontes e abordagens: da circulação de *Independência ou morte!*, de Pedro Américo, às cartas de mulheres escravizadas, das análises sobre Mário de Andrade às leituras de Euclides da Cunha, Guimarães Rosa e Darcy Ribeiro, entre muitos outros temas. Dulcília evidencia a riqueza das fontes e dos acervos do IEB, bem como sua potência para renovar constantemente as pesquisas sobre o Brasil.

Ao reunir pesquisas acadêmicas, relatos institucionais, exposições, intercâmbios e homenagens, esta edição confirma a vitalidade do IEB como espaço de memória e criação, voltado para a preservação, difusão e problematização da história e cultura brasileiras.

Boa leitura!

Monica Duarte Dantas

Diretora – IEB/USP

<https://orcid.org/0000-0002-1031-9408>

[informe)ieb

Publicação quadrimestral do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, o *Informe IEB* é um boletim de acesso aberto que divulga atividades realizadas pelo Instituto e notícias ou temas relacionados a ele. Trata-se de um canal de interação entre a direção e a sociedade. Editado desde 2016, além dos textos definidos pela direção, incentiva o envio de sugestões de pauta e de textos pelos funcionários, docentes e colaboradores. São três números anuais, divulgados em janeiro, maio e setembro.

SETEMBRO/2025

Universidade de São Paulo

Prof. dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior (reitor)
Profa. dra. Maria Armanda do Nascimento Arruda (vice-reitora)

Instituto de Estudos Brasileiros

Profa. dra. Monica Duarte Dantas (diretora)
Profa. dra. Luciana Suarez Galvão (vice-diretora)

Editor responsável

Pedro B. de Meneses Bolle

Editores-executivos

Maria Izilda Claro do Nascimento F. Leitão

Produção

Cleusa Conte Machado
(preparação e revisão de textos)
Flavio Alves Machado
(diagramação)



Uma publicação da Difusão Cultural



Normas para publicação

Os critérios e normas para publicação estão disponíveis em: www.ieb.usp.br/informe

Contato

Instituto de Estudos Brasileiros – Informe IEB
Espaço Brasileira
Av. Prof. Luciano Gualberto, 78 - salas 49/50/53
Cidade Universitária - 05508-010 - São Paulo - SP

Sugestões de pauta podem ser enviadas para:
informeieb@usp.br



Visite nossas mídias em: www.ieb.usp.br/midias

[MPB)

Homenagem a Tom Zé

“O Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo homenageia o artista Tom Zé pelo conjunto da obra e sua contribuição para a cultura brasileira. 24 de junho de 2025” são os dizeres da placa oferecida a Tom Zé durante a cerimônia de reconhecimento desse intérprete do Brasil.

Antes do recebimento da placa, Tom Zé subiu ao palco com a plateia cantando o que já havia ensaiado antecipadamente: “Cadê, cadê você? Cadê, cadê você?”. Sentado ao centro do palco, tendo de um lado o músico e professor Tiganá Santana (IEB/USP) e Marli Quadros Leite, pró-reitora de Cultura e Extensão Universitária, e do outro lado a vice-diretora do IEB Luciana Suarez Galvão e a diretora Monica Duarte Dantas, o artista ouviu de cada uma dessas pessoas palavras sobre sua importância para o Brasil.

Maria Iracema da Silva, servidora técnico-administrativa, subiu ao palco para ler uma mensagem que Frei Betto mandou ao amigo, considerando-o responsável por “um catecismo popular, que despertou a consciência crítica”.

Na sequência, o professor Tiganá leu o texto preparado por Guilherme Grandi, docente da FEA/USP, admirador da obra de Tom Zé,



Tom Zé é o primeiro homenageado pelo IEB por sua contribuição à cultura brasileira. Foto: Cecília Bastos/USP Imagens

em que uma das partes dizia: “Por meio da sua cosmovisão sonora, Tom Zé parece ter sempre a intenção de fornecer aos ouvintes uma interpretação do que significa ser brasileiro, do seu sentido, dilemas e contradições. Tom Zé nunca foi convencional. Sua arte disruptiva é uma verdadeira obra-prima da sua cosmovisão tropicalista. Sorte a nossa, sorte do povo brasileiro, poder contar com um artista tão gigante, tão único, tão excepcional como esse baiano de Irará”.

Aqui, um pequeno detalhe: Tom Zé foi até o púlpito para ouvir melhor, pois o auditório estava sem o som de retorno. Ali,

de braços dados com o professor Tiganá, ouviu de perto sua homenagem.

No Auditório István Jancsó lotado, numa noite gelada de São João, estavam fãs de Tom Zé com seus vinhos em mãos para autógrafos, seus amigos, os professores da FFLCH/USP José Wisnik e Luiz Tatit, o maestro Júlio Medaglia e professoras e professores do IEB. Neusa Martins, esposa e empresária de Tom Zé, também estava na plateia e acompanhou a cerimônia com discrição.

Após o recebimento da placa de homenagem, foi a vez de Tom Zé presentear o público com canções como “Augusta, Angélica e Consolação”, “Tô” e “Parque Industrial”. Timidamente, o público o acompanhava enquanto ele, animado, fazia gestos, contava histórias, dizendo ao final: “Vou ficar vários dias com o coração pulsando lá em casa, porque não é brincadeira receber esse prêmio do IEB”.

Ainda no auditório, as pessoas cercaram o artista e, na sequência, fizeram uma fila para conseguir autógrafos e fotos.

Essa foi a primeira homenagem do IEB a uma pessoa por sua contribuição à cultura brasileira – e certamente muitas outras virão. O registro gravado dessa noite pode ser encontrado no canal do IEB no YouTube (<https://www.youtube.com/watch?v=kxrhwu35Opl>).

Denise de Almeida Silva

Chefe técnica

Divisão de Apoio e Divulgação – IEB/USP

<https://orcid.org/0000-0003-2196-8152>

Mirele Gomes da Conceição

Estagiária

Divisão de Apoio e Divulgação – IEB/USP

<https://orcid.org/0009-0009-6437-8794>



Luciana Suarez Galvão, Tiganá Santana, Marli Quadros Leite e Monica Duarte Dantas ao lado de Tom Zé com a placa de homenagem. Foto: Cecília Bastos/USP Imagens

[caminhos)



À esquerda, *A caixa*, 1968-1970, tinta acrílica sobre madeira, 73 x 82 cm, Coleção Maria Cecília Cerrote; à direita, *Sem título [A coisa]*, s. d., nanquim e hidrocor sobre papel, 24,9 x 32,7 cm, Acervo Flávio Império, Coleção de Artes Visuais do IEB/USP

Dos bastidores à exposição *Flávio Império: tens a vontade e ela é livre*

Quais os caminhos que as obras percorrem até culminar em uma exposição? Essa questão é fundamental para que sejam vislumbrados os diversos atores envolvidos no processo de formação, preservação e extroversão de um acervo.

No caso da obra de Flávio Império, parte dela agora reunida na exposição *Flávio Império: tens a vontade e ela é livre*, em cartaz no edifício Pina Estação – um dos prédios da Pinacoteca de São Paulo, certamente esse trabalho foi desenvolvido a várias mãos a partir de um esforço coletivo que se iniciou anos após seu precoce falecimento.

Flávio Império (1935-1985) foi uma pessoa

plural. Artista plástico, arquiteto, professor, cenógrafo e figurinista, buscou a forma para transformar o seu entorno. Esse seu trânsito por diversos campos do saber resultou em uma produção intensa e uma rede de amizades. A Sociedade Cultural Flávio Império (SCFI), criada em setembro de 1987, surge da reunião da família e de amigos no intuito de catalogar, preservar e difundir a obra do artista. É presidida por Renina Katz, artista com quem Flávio dividiu não só o ofício do desenho, mas também a atividade da docência quando professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e de Design da Universidade de São Paulo (FAU/USP), e pela irmã, Amélia Império Hamburger.

Nessa busca pela extroversão do seu legado, somou-se, em 1994, o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP), que, procurado pela SCFI, passou a assessorar na organização do acervo pessoal do artista. A Fundação Lina Bo e Pietro M. Bardi financiou as primeiras etapas de classificação do acervo, feitas por uma equipe de alunos da FAU/USP. Vale lembrar que Flávio Império também se aventurou na produção de filmes

documentários em super 8. Um deles, *Co-lhe, carda, fia, urde e tece* (1976), participou da exposição *Repastos*, curada pela arquiteta Lina Bo Bardi, no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp) e agora pode ser visto na mostra da Pinacoteca.

Nos Anais do Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (Anpap) de 1995, a então diretora do IEB/USP, Marta Rossetti Batista, demonstrava entusiasmo com a futura doação do acervo ao Instituto, naquele momento estimado em cerca de 6 mil itens, cujo processamento serviria de modelo para a classificação de outros acervos pessoais de artistas brasileiros.

No período entre 1995 e 1998 houve um projeto, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), sob a orientação da professora Marta Rossetti, para a organização e catalogação do acervo de Flávio Império, em conjunto com a SCFI e com o auxílio de bolsistas também financiados pela Fapesp, orientados pela professora Elisabetta Romano da FAU/USP.



Acervo Flávio Império, armazenado no espaço de guarda transitória da Coleção de Artes Visuais, anteriormente à realização de inventário e acondicionamento das obras na Reserva Técnica



Instalação de obra durante a montagem da exposição na Pina Estação

Inicialmente a transferência do acervo era esperada para o ano de 1996, entretanto, apenas em junho de 2009 é que foram retomadas as tratativas para doação do acervo, por meio de uma carta assinada por Amélia e Vera Império, além de Renina Katz, endereçada a Ana Lúcia Duarte Lanna, então diretora do IEB/USP. Em outubro desse mesmo ano, foi criada uma comissão para avaliar o acervo, sua pertinência e as necessidades para a sua salvaguarda, composta de representantes das equipes internas do IEB e docentes, também vinculados ao Instituto.

De fato, a doação desse acervo ocorreu apenas em 13 de janeiro de 2016, com a

ratificação do termo de doação celebrado entre os herdeiros legais de Flávio Império e o IEB/USP, e sua transferência foi concretizada nos dias 5 e 6 de julho de 2016, na gestão da professora Sandra Margarida Nitriti.

A identificação das obras doadas, o entendimento e recuperação do sistema classificatório adotado, a elaboração de novos e diferentes modelos de acondicionamento com o uso de materiais de pH neutro ou inerte – que são inócuos e não reagem quimicamente com o acervo –, a manutenção e acompanhamento das condições ambientais estáveis de tempera-

tura nas reservas técnicas, a verificação e revisão da catalogação das obras e a realização de intervenções pontuais de restauro são alguns dos trabalhos realizados pelas equipes da Coleção de Artes Visuais e do Laboratório de Conservação e Restauro do IEB.

São esses trabalhos de bastidores, realizados desde a incorporação do acervo ao Instituto, que nos permitem agora contemplar as 38 obras em exposição na Pina Estação, que demonstram a atuação plural de Flávio Império por meio da exibição de projetos de figurino, cenários, maquetes e cartazes para espetáculos teatrais, o projeto para a decoração da Avenida Tiradentes para o carnaval de 1984, além de trabalhos do campo das artes plásticas, parte deles identificados com a *pop art* norte-americana.

A exposição *Flávio Império: tens a vontade e ela é livre* resulta de uma parceria entre o IEB e a Pinacoteca de São Paulo. A mostra, com curadoria de Yuri Quevedo, que no passado atuou junto à Sociedade Cultural Flávio Império, busca reunir inúmeros trabalhos do artista, com destaque para as artes plásticas. Nas palavras de Flávio Império: “Não me considero ‘autor’ de nenhum método ou sistema estruturador da linguagem nova. Para falar a verdade, eu servi o meu tempo com o meu mais empenhado entusiasmo. Acho que por isso não me ponho a ditar regras. Fiz tudo o que já tinha e existia com a inocência de quem inventava de novo. Fui um alegre Robinson Crusoe que, em terra fértil e com um canivete, reconstruiu um arremedo de civilização. Ando hoje à procura do Sexta-Feira, não para ensinar nada a ele, mas para aprender” (citado em *Flávio Império*, organizado por Renina Katz e Amélia Hamburger, Edusp, 1999, p. 48).

Fazemos aqui um convite para a visita à mostra, que desvela não só os trabalhos desse artista, mas de todos aqueles que, ao longo de anos, se envolveram na empreitada de preservação de suas obras a fim de que suas ideias pudessem seguir encantando novos públicos por sua latente atualidade.

Vanessa Costa Ribeiro

Especialista em pesquisa/apoio de museu
Coleção de Artes Visuais – IEB/USP
<https://orcid.org/0009-0009-3095-3703>

[curso)

Arte urbana – potencialidades

Nos dias 7, 14 e 16 de maio, no Centro de Pesquisa e Formação (CPF) do Sesc-SP, realizou-se o curso Arte urbana – potencialidades (<https://shorturl.at/PuOoV>), organizado por Marcos Antonio de Moraes, professor de literatura do IEB, e Maurício Trindade da Silva, sociólogo e gerente adjunto do CPF, com a colaboração de Bruno Salerno Rodrigues, editor e pesquisador na área cultural, dessa mesma instituição. As atividades colocaram em pauta as notáveis criações artísticas de Andréa Tolaini, Claudio Ethos, Mag Magrela e Thiago Goms.

A intervenção artística nas cidades, emergente na segunda metade do século XX, consolidou-se, amplamente apreciada pela população e legitimada, em seu valor estético, por diferentes instâncias de consagração (Estado, crítica e história da arte, universidade, museus, editoras, galerias etc.). A admiração pública resultou, historicamente, do extraordinário engajamento de artistas individuais (periféricos, em grande parte) ou mobilizados em coletivos, e de empenhadas ações culturais, forças desejosas de ampliar o raio de alcance da arte enquanto um direito inalienável do cidadão, provocadora de transformações sociopolíticas e de mentali-



Arte de Claudio Ethos. Foto: Marcos Antonio de Moraes

Arte urbana: potencialidades

Dia 7/5, quarta, das 15h às 17h
Dias 9, 14 e 16/5, quarta e sextas, das 15h às 18h

Presencial

Venha aprender sobre artes urbanas na prática.

Com Andréa Tolaini (Dedé), Claudio Ethos, Mag Magrela, Thiago Goms, Maurício Trindade da Silva e Marcos Antonio de Moraes.

Inscrições: sescsp.org.br/cpf
 R. Dr. Pinho Barreto, 285, 4º andar
 Bela Vista – São Paulo, SP

Sesc

Parceria entre o IEB e o Sesc, o evento propôs uma vivência artística coletiva reunindo estudiosos de diversos campos

dades, no sentido democratizante. A valorização da arte urbana decorreu, igualmente, da visada crítica sensível e bem aparelhada de estudiosos das áreas de comunicação, artes visuais, sociologia, antropologia, psicologia social etc.

O curso – seminário acompanhado de oficina de criação – focalizou o graffiti e outras expressões da street art sob diver-

sos ângulos. Apreendeu vivências pessoais e profissionais dos artistas participantes, como também suas percepções acerca da realidade nacional e universal. Mostrou como a arte urbana radica-se, comumente, em ações combativas, colocando na ordem do dia questões sociais, raciais e de gênero, demandando um olhar mais apurado sobre o modo como as suas figurações ou imagens abstratas contam vibrantes histórias.

Os quatro artistas, nascidos no estado de São Paulo, atuantes no Brasil e no exterior, reconhecidos por suas marcantes produções plásticas, contribuíram para a discussão em torno da sociabilidade e da solidariedade no âmbito cultural, tanto quanto, nas oficinas, partilharam suas técnicas, processos e ideários inventivos. A criação de Andréa Tolaini (<https://shorturl.at/uuFX1>), a Dedé (1985), de colorido intenso e forte simbolismo, labora densos sentidos identitários de potência coletivizadora. A produção de Claudio Ethos (1982), de vocação muralística, performa vigorosas representações humanas que iluminam os complexos meandros da psique, valendo-se igualmente de apuradas tendências abstracionistas e surrealistas (<https://shorturl.at/MX4se>). Mag Magrela (1985), com suas impactantes figurações, coloca em debate pautas e



Arte de Thiago Goms . Foto: Marcos Antonio de Moraes



Arte de Andreia Tolaini. Foto: Marcos Antonio de Moraes

seus talentosos primeiros voos, como Gibi (<https://shorturl.at/KW2Kc>).

Enquanto importante legado para a capital paulista, o quarteto de artistas envolvidos em Arte urbana – potencialidades deixou estampadas suas admiráveis criações nas paredes do baixio do viaduto Doutor Plínio de Queiroz, na praça 14 Bis, na Bela Vista. Seus desenhos, sugerindo muitas camadas de significados, estimulam diálogos com os passantes: instauram o pleno sentido da cidadania, provocam reflexões sobre a nossa realidade, estimulam autoconsciência e ricas vivências estéticas.

Marcos Antonio de Moraes

Professor – IEB/USP

<https://orcid.org/0000-0001-7127-9254>

lutas feministas, tanto quanto os profundos sentidos da experiência humana (<https://shorturl.at/ILxyH>). Os amplos interesses estéticos de Thiago Goms (1984) vêm moldando um singular universo pictórico povoado de seres híbridos (em particular humanos com cabeça de gatos) que materializa novas epistemologias contemporâneas (<https://shorturl.at/EYxol>).

Entre os participantes inscritos no curso, interessados em observar gêneses e processos criativos, contaram-se estudiosos de diversos campos (arquitetura, história etc.), brasileiros e estrangeiros, assim como artistas urbanos já com carreiras sedimentadas, como Rellyson (<https://shorturl.at/ubul5>), ou alcançando os



Arte de Mag Magrela. Foto: Marcos Antonio de Moraes

[memória)

Entre afetos: quando Capulanas e Memórias Carandiru ocupam o IEB/USP

Entre maio e agosto de 2025, a sala de exposições do Instituto de Estudos Brasileiros da USP se transformou em um espaço de memória, resistência e afeto. Ao adentrar, a pessoa visitante era recebida por dois coletivos que, por meio de suas práticas artísticas e narrativas, reivindicavam o direito ao amor, memória, verdade e justiça: a Capulanas Cia de Arte Negra e o Coletivo Memórias Carandiru.

Logo na entrada, o universo da Capulanas Cia de Arte Negra se apresentava com painéis de barro, caldeirões, cumbucas, colheres de pau, grãos, bolsas de sisal, um manto de tecidos africanos, cabaças partidas, miniaturas de mesas de jantar, receitas culinárias, e fac-símiles de fotografias do samba rural paulista (do Fundo Mário de Andrade do Arquivo do IEB) e de jornais da imprensa negra (preservados como documentação resultante de pesquisa no Arquivo do IEB sob o título *DRP Jornais Negros Paulistas*). A comida emergia como memória e prática política, convidando à reflexão sobre como as mulheres negras, ao cozinhar, transmitiram gestos de cuidado comunitário, ativaram vínculos, reivindicaram a gestão da vida familiar e coletiva e lutaram contra a desnutrição física e espiritual da população negra.

Com 18 anos de trajetória, a Capulanas Cia de Arte Negra realiza pesquisas artísticas que atravessam o teatro, a dança e a *performance*. Sua prática nasce das experiências individuais e coletivas de mulheres negras, valorizando saberes ancestrais e abrindo espaços poten-

ciais de vida em meio às desigualdades às quais grupos negros permanecem expostos em uma sociedade racista e sexista.

A exposição compartilhou fragmentos do trabalho desenvolvido na Goma Capulanas, centro cultural e sede do grupo no Jardim São Luís, zona sul de São Paulo, onde nasceram espetáculos como *Sangoma: saúde das mulheres negras* e *lalodês: da cura ao gozo*, além

do novo projeto em gestação *No baile de Osá Meji faço das tripas o meu coração*.

Avançando pela sala, a pessoa visitante encontrava o espaço proposto pelo Coletivo Memórias Carandiru. Artesanias de tricô e crochê, facas improvisadas, uma garrafa de cachaça, glossários, grades, fotografias duras e cartas. Esses objetos instalados provocavam a reflexão sobre um cotidiano social



Roda de ativação das exposições com Capulanas Cia de Arte Negra, Coletivo Memórias Carandiru, representantes do IEB-USP e Instituto Çarê. Foto: Helen Baum



Espaço expositivo proposto pelo Memórias Carandiru. Foto: Hévila Carneiro

Espaço expositivo proposto pela
Capulanas Cia de Arte Negra.

Foto: Jessica Nascimento Olaegbé

brasileiro atravessado pela existência e convivência com complexos penitenciários.

Na exposição, apresentada a partir da perspectiva de sobreviventes do sistema prisional brasileiro, os objetos – cartas, fotografias, artesanias, facas improvisadas e outros pertences – funcionavam como registros sensíveis das violações históricas cometidas pelo Estado, incluindo o genocídio documentado no Massacre do Carandiru em 1992 e também a vivência de mulheres em presídios femininos. Esses arquivos pessoais revelavam territórios de dor, resistência e memória coletiva, ao mesmo tempo que denunciavam a lógica de reprodução do sistema prisional e a construção de novas penitenciárias.

O Coletivo Memórias Carandiru é atualmente uma das principais vozes de luta e educação social por justiça. Realiza percursos guiados no território da antiga Casa de Detenção de São Paulo, construída no bairro do Carandiru, zona norte da capital paulista – prática chamada de Roteiro de Memória, que reivindica o Direito à Memória, à Verdade e à Justiça no Território.

Ativações e residência artística

A mostra foi ativada por uma série de rodas de comunicação, nas quais integrantes dos coletivos e pessoas participantes engajaram-se em longas conversas, oportunidade em que foram compartilhadas reflexões sobre a construção de pesquisas e criações artísticas a partir de acervos documentais e memórias do corpo. Essas rodas proporcionaram um espaço de escuta, reflexão e fortalecimento de vínculos comunitários, questionando também as instituições sobre os processos de silenciamento ao direito e a valorização da memória das pessoas negras e das comunidades sobreviventes, vitimadas e combativas ao sistema prisional brasileiro.

As ativações contaram com rodas de



conversa com a Casa Sueli Carneiro e com o Instituto Vladimir Herzog (representados por Ionara Lourenço e Lorraine Rodrigues), com o Arquivo Histórico Municipal e o Arquivo Público do Estado de São Paulo (representados por Vanessa Lima e Ednusa Ribeiro) e com o Memorial da Resistência de São Paulo e a Fundação Bienal de São Paulo (representados por Ana Pato e Leno Veras).

Esse trabalho é fruto de uma pesquisa em andamento, realizada a partir de uma residência artística dos dois coletivos no Instituto Çarê e no IEB/USP.

Participantes da residência artística

- Adriana Paixão, Débora Marçal, Fla-

via Rosa, Jessica Nascimento Olaegbé – Capulanas Cia de Arte Negra

- Helen Baum, Mauricio Monteiro, Nádia Lima e Walter Santos – Coletivo Memórias do Carandiru

Adriana Paixão

Capulanas Cia de Arte Negra

<https://orcid.org/0009-0003-5859-0795>

Débora Marçal

Capulanas Cia de Arte Negra

<https://orcid.org/0009-0005-4239-9675>

Flavia Rosa

Capulanas Cia de Arte Negra

<https://orcid.org/0009-0001-8159-401X>

Jessica Nascimento Olaegbé

Capulanas Cia de Arte Negra

<https://orcid.org/0000-0002-8145-413X>

[evento)



"Brasil, quantos passos?": bate-papo com a mestra Laine e pesquisadores egressos do IEB na Igreja do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França. Foto: Bruno Makia

"Brasil, quantos passos?": exposição itinerante e bate-papo com pesquisadores egressos do IEB

Como desdobramento da I Mostra Científica Discente da Pós-Graduação do IEB, realizada de 17 de março a 9 de maio de 2025, em maio e junho foram realizadas as atividades do projeto "Brasil, quantos passos?", apoiado pela Pró-Reitoria de Inclusão e Pertencimento (PRIP/USP) por meio do Edital PRIP 02/24 – Democracia e direitos humanos.

A equipe do projeto, formada pelos pós-graduandos e bolsistas José Cirilo da

Silva Neto e Vivian Hatsumi Makia, com supervisão da professora Inês Gouveia, levou as pesquisas em forma de arte gráfica que compuseram a exposição *Brasil 2020-2024: a negritude e as barreiras sociais na pesquisa acadêmica reorganizada pela covid-19* para lugares da cidade de São Paulo identificados com temáticas da negritude contempladas nos trabalhos. O primeiro evento foi na Ocupação 9 de Julho, em 18 de maio, e o segundo na 23ª Festa do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França, em 1º de junho. Em ambos, foram realizados a exposição itinerante e um bate-papo com pesquisadoras e pesquisadores egressos do IEB cujos trabalhos participaram da exposição, integrados a apresentações artísticas. Os registros fotográficos foram feitos por Bruno Makia, artista visual e educador, que doou as imagens ao IEB e aos parceiros do projeto.

O evento na Ocupação 9 de Julho, no centro de São Paulo, foi realizado em

parceria com o Movimento Sem Teto do Centro (MSTC), Casa Verbo e Cozinha Ocupação 9 de Julho. A exposição ficou aberta ao público durante todo o período do almoço solidário do dia 18 de maio de 2025. O bate-papo teve abertura e boas-vindas a cargo de Carmen Silva, liderança do MSTC e fundadora da Cozinha Ocupação 9 de Julho, e falas dos pesquisadores egressos do IEB Cassia Fellet e Tadeu Alves, autores, respectivamente, das dissertações *Saúde mental da população moradora de ocupações de movimentos de moradia na cidade de São Paulo* (2020) e *Milton Santos: narrativas em construção sobre ser negro no Brasil ao final do século XX* (2024). A mediação foi de José Cirilo e a apresentação musical, de Maria Pérola, cantora e compositora.

Na 23ª Festa do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França, na zona leste de São Paulo, o evento foi realizado em parceria com a Comunidade do Rosário



“Brasil, quantos passos?”: exposição itinerante e bate-papo com pesquisadores egressos do IEB na Ocupação 9 de Julho.
Foto: Bruno Makia



“Brasil, quantos passos?”: exposição itinerante no Largo do Rosário, na 23ª Festa do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França. Foto: Bruno Makia

da Penha no dia de abertura das festividades, em 1º de junho de 2025. A exposição foi instalada no Largo do Rosário, e o bate-papo ocorreu na Igreja do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França, com abertura a cargo de Patrícia Freire de Almeida, da Comunidade do Rosário da Penha, falas de Gislaíne Afonso, a mestra Laine, capitã da Congada de Santa Efigênia de Mogi das Cruzes, e dos pesquisadores egressos do IEB Gabriela Frias e Luiz Alfredo Souto, autores, respectivamente, das dissertações *Entre o sim e o não existe um vão: um estudo sobre Itamar Assumpção e o álbum Sampa Midnight (1986) (2020)* e *Só o Rosário nos une: uma descrição das congadas brasileiras (2024)*, cujo banner foi lançado no evento. A mediação foi de José Cirilo. Como parte do festejo e ao fim da conversa na nave da igreja, a Congada de Santa Efigênia de Mogi das Cruzes realizou seu canto de despedida.



“Brasil, quantos passos?”: apresentação da Congada de Santa Efigênia de Mogi das Cruzes, na 23ª Festa do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França.
Foto: Bruno Makia

Compreendemos que a diversidade das pesquisas reunidas no eixo da negritude brasileira a partir de uma abordagem antirracista, portanto relacionada aos direitos humanos, trouxe a possibilidade de realizarmos diálogos muito interessantes e frutíferos no âmbito da extensão universitária proposto nesse projeto, bem como tal diversidade reflete o caráter multidisciplinar do IEB, que enseja várias possibilidades de continuidade da circulação de suas pesquisas além dos espaços acadêmicos. Na Ocupação 9 de Julho, a luta do movimento social por direitos fundamentais, a promoção da saúde mental de comunidades em situação de vulnerabilidade social e a reflexão sobre subjetividade negra, trajetória e produção acadê-

mica compuseram um caráter de reflexão política para a atividade. Na 23ª Festa do Rosário dos Homens Pretos da Penha de França, vivenciamos um encontro entre história, cultura, patrimônio, tradições populares e reflexões sobre a existência e resistência da cultura popular e da arte brasileira na contemporaneidade. Cada lugar, no centro e no bairro – a ocupação e o largo, a área comum e o interior da igreja –, serviu como contexto e convite para o diálogo entre os saberes da academia e os saberes das comunidades e do público presente.

Registramos nosso agradecimento às

pesquisadoras e pesquisadores egressos do IEB que participaram do projeto, ao Movimento Sem Teto do Centro (MSTC), à Casa Verbo, à Cozinha Ocupação 9 de Julho, à Comunidade do Rosário da Penha, aos professores/as, colegas e funcionários/as do Instituto e à PRIP/USP pelos valiosos encontros e parcerias nessa caminhada de tantos passos.

José Cirilo da Silva Neto
Pós-Graduando – IEB/USP

<https://orcid.org/0009-0006-9579-7906>

Vivian Hatsumi Makia

Pós-Graduanda – IEB/USP

<https://orcid.org/0000-0002-9679-9894>

[intercâmbio)



Alunos da BYU se reúnem no encerramento de sua participação no intercâmbio, tendo ao fundo a Biblioteca do IEB. Foto: Mirele Gomes

quais pôde acompanhar atividades técnicas, como o Laboratório de Conservação e Restauro. Caroline Daniel, ao se debruçar sobre a documentação de fundos pessoais, compreendeu que cumpria, concretamente, uma forma “de lutar contra o apagamento” de vozes na história. O estimulante convívio com acervos de intelectuais e de artistas brasileiros ou radicados no país, no patrimônio do IEB, foi testemunhado por Audrey Rosenlund: “tivemos a experiência prática de tocar [em] pedaços da história e [da] cultura brasileira”.

O entusiasmado grupo de jovens estudantes, que esteve no IEB entre 24 de junho e 9 de agosto, materializa mais uma etapa do frutífero Convênio Internacional firmado entre a BYU, de Provo, Utah, Estados Unidos, e o IEB, programa ativo desde 2012. O intercâmbio mobiliza, em boa sinergia, muitos setores da nossa unidade: a direção, a Comissão de Relações Internacionais (CRInt), os setores técnicos do IEB (Arquivo, Biblioteca, Coleção de Artes Visuais e Laboratório de Conservação e Restauro), com seus especialistas, funcionários e bolsistas/estagiários, a Divisão de Apoio e Divulgação e, ainda, as

IEB recebe intercambistas da BYU-EUA

Em seu relatório final de intercâmbio, o graduando Keith Anthony Jacobs, da Brigham Young University (BYU), dos Estados Unidos, considerou que o seu estágio na Coleção de Artes Visuais do IEB/USP foi “mais do que uma etapa curricular: foi uma experiência de vida inesquecível e transformadora”. Myla Kira Johnson, atuando na Biblioteca da instituição, valorizou o conhecimento de tecnologias de preservação e dos processos de tombamento de livros. Aaron Stone, seu colega nessas tarefas, avaliou que o aprendizado “fez toda a diferença” em sua formação. Joseph Hill apreciou os saberes adquiridos no Arquivo e em outras áreas nas



Os alunos tiveram contato com diversas técnicas utilizadas para a recuperação/preservação de documentos. Foto: Mirele Gomes

áreas acadêmicas, como a Pós-Graduação em Culturas e Identidades Brasileiras.

A responsável pela realização do Convênio, na parte estrangeira, a professora Patrícia Baialuna de Andrade, estudiosa das relações entre literatura e exílio, proferiu, promovida pela Pós-Graduação, a conferência "Paisagens, cruzeiros, espadas e silêncios: primeiros passos do romance histórico brasileiro no século XIX", partilhando as linhas de força da investigação que será aprofundada no âmbito da Residência em Pesquisa BBM-PRCEUUSP.

O IEB pretendeu oferecer aos estudantes da BYU uma consistente formação no que tange à conservação de patrimônio, organização documental e de obras de arte, exploração científica de matéria

arquivística e extroversão de acervos. Nesse sentido, a turma teve contato com fundos pessoais, coleções e conjuntos bibliográficos de Mário de Andrade, Inezita Barroso, Maria Lúcia Mott, John Graz, Aracy Amaral, Flávio Império e outras personalidades de igual importância. Essa experiência propiciou ao grupo, ainda, uma rica sociabilidade com estudantes de diversas áreas de conhecimento, funcionários e professores do Instituto, cooperando para o aprimoramento da língua portuguesa falada no Brasil. No propósito de ampliar a compreensão da complexa realidade nacional e de suas diversas manifestações culturais, o Convênio também promoveu visitas ao Museu da Língua Portuguesa, ao Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp), à Pinacoteca de São Paulo, à Biblioteca Mário de Andrade etc.

As tarefas colaborativas empreendidas pelos estudantes da BYU, supervisionadas pelos chefes dos setores e seus técnicos, representam um substantivo legado ao IEB. Tarefas de restauro, organização documental, inclusão preliminar de dados em bases de consulta são exemplos de efetiva contribuição à instituição universitária que os acolheu. O contato com os fundos pessoais também favoreceu bonitas ações voluntárias; conta-nos Caroline Daniel, em seu relatório: "comecei [a fazer] tradução de algumas páginas de Wikipedia para o inglês", no desejo de ampliar informações acerca de personalidades que conheceu em sua pesquisa no IEB.

Marcos Antonio de Moraes
Coordenador na parte brasileira
do Convênio IEB-BYU

<https://orcid.org/0000-0001-7127-9254>

Estudantes da BYU realizam oficina no Laboratório de Conservação e Restauro

No início de julho, o Laboratório de Conservação e Restauro do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP) recebeu os estudantes de intercâmbio da Brigham Young University (BYU), dos Estados Unidos. A ação integrou um programa amplo, com atividades nos serviços técnicos de Arquivo, Biblioteca e Coleção de Artes Visuais. No Laboratório, a oficina foi realizada pelas servidoras Mônica Guilherme e Alice Gontijo, com colaboração da estagiária

Natasha Ayasha, discente da USP, marcando mais um capítulo da parceria já consolidada entre as instituições.

Essa edição reuniu, além dos alunos de intercâmbio da BYU, estagiários do IEB que atuam em diferentes setores. O programa desenvolveu-se ao longo de quatro dias de workshop. Inicialmente, apresentou-se uma introdução à conservação e restauração de obras em suporte papel, abordando objetivos, relevância da conservação documental e funcionamento do Laboratório. Em seguida, já "com a mão na massa", os participantes realizaram o mapeamento e diagnóstico de folhetos de cordel e periódicos, identificando características, estrutura e estado de conservação.

Nos dias seguintes, o foco foi o trata-

mento aquoso: limpeza e desacidificação dos documentos. Após a realização de banhos, os folhetos foram reencolados, planificados, secos e reparados com papel japonês e adesivo neutro e reversível à base de celulose. Por fim, os bifólios foram costurados e acondicionados em embalagens confeccionadas pelos próprios participantes.

Os folhetos tratados pertencem ao acervo de Inezita Barroso e integram o fundo dedicado à artista, que reúne registros de sua trajetória como musicista, pesquisadora e professora, evidenciando seu interesse pela cultura popular brasileira. Esses exemplares somam-se a outras obras da literatura de cordel presentes em fundos de arquivos pessoais custodiados pelo IEB – como Mário de Andrade, Marlyse Meyer e



Demonstração da preparação e realização de banhos de desacidificação. Foto: Natasha Ayasha

Graciliano Ramos – e reforçam a relevância desses impressos como objetos de preservação e fontes de pesquisa. Para além dos fundos pessoais, grande parte da literatura de cordel do IEB está nas coleções de Literatura Popular, organizadas pelo nome do doador, como Flávio Motta, Gilmar de Carvalho e Ruth Brito Lemos Terra, entre outros. Nesse contexto, o tratamento dos folhetos de Inezita assegura a preservação de um patrimônio documental de grande valor e amplia as possibilidades de pesquisa e difusão cultural.

No ano do centenário de Inezita, o contato com esse material permitiu aos estudantes que participaram da oficina conhecer a artista-pesquisadora de forma mais ampla, marcando o início das homenagens à sua trajetória. As comemorações têm continuidade com a mostra “Cantoria e musicologia no acervo de Inezita Barroso” na sala de exposições do IEB de 27 de agosto a 7 de novembro.

A partir do contato com os folhetos de cordel, a experiência também ampliou a compreensão dos participantes sobre a riqueza cultural brasileira, relacionando procedimentos técnicos ao valor histórico e simbólico do patrimônio.

Ao retornarem aos Estados Unidos, os alunos levam novas competências na



Da esquerda para a direita, na fileira em segundo plano: Natasha Ayasha, Mônica Guilherme, Keith Anthony Jacobs, Myla Kira Johnson, Caroline Daniel, Victor Martins, Giordana e Isabela Quatrochi. Da esquerda para a direita, na fileira em primeiro plano: Aaron Stone, Joseph Hill, Alice Gontijo, Mirele Gomes e Audrey Rosenlund. Foto: Natasha Ayasha

preservação documental e um olhar mais profundo sobre uma expressão cultural singular, que poderão compartilhar em seus contextos acadêmicos e profissionais. Com a ajuda dos parti-

cipantes foi possível processar um número expressivo de folhetos em pouco tempo, representando contribuição significativa para a rotina do Laboratório. A experiência foi enriquecida pela participação de estagiários da Biblioteca do IEB, que conheceram de perto as atividades do Laboratório e a diversidade das áreas do Instituto.

Assim, o treinamento proporcionou vivência prática e aprofundada aos estudantes da BYU e reforçou o caráter colaborativo e interdisciplinar do IEB. A parceria reafirma-se como espaço privilegiado de formação, preservação e diálogo internacional, onde a troca de saberes amplia horizontes e fortalece o compromisso com a salvaguarda do patrimônio cultural.

Mônica Guilherme

Supervisora técnica de serviço
Laboratório de Conservação e
Restauro – IEB/USP

<https://orcid.org/0000-0002-1446-4848>

Alice Gontijo

Espec. em pesquisa/apoio museu
Laboratório de Conservação e
Restauro – IEB/USP

<https://orcid.org/0000-0001-9629-168X>



Alguns dos itens do acervo Inezita Barroso tratados na oficina. Foto: Natasha Ayasha

[pesquisa)

Alunos do IEB na Etapa Internacional do 32º SIICUSP – 2024

O Instituto de Estudos Brasileiros é uma unidade da USP aberta para diversas atividades acadêmicas dos alunos de todos os cursos de graduação da universidade. Dentre elas, a iniciação científica. Regularmente os docentes do IEB orientam pesquisas nessa modalidade, sendo que muitas têm como fonte os próprios acervos documentais, artísticos e bibliográficos sob a guarda do Instituto.

Seguindo os procedimentos da Universidade, os alunos que fazem iniciação científica apresentam os resultados de suas pesquisas no Simpósio Internacional de Iniciação Científica e Tecnológica da USP (SIICUSP), realizado em duas etapas: a primeira, nas próprias unidades onde as pesquisas se desenvolveram, sendo as melhores nessa fase indicadas para a segunda etapa, que é internacional e conta com a participação de estudantes de todas as áreas do conhecimento.

A boa notícia para comunidade IEB é que na Etapa Internacional do 32º SIICUSP, realizada entre março e abril de 2025, dois pesquisadores do Instituto participaram do evento, fato esse que demonstra a qualidade dos trabalhos que estão realizando. São eles Giovanna Junqueira Paz e Julio Cesar Machado Carvalho.

A aluna Giovanna Junqueira Paz (IEB/USP) realiza a pesquisa “Aprendizes, mestres, veneráveis: perfil dos maçons no Brasil na segunda metade do sé-

culo XIX (Rio de Janeiro, 1850-1872)”, sob a orientação da professora Monica Duarte Dantas, que recebeu “menção honrosa” em razão de sua qualidade e originalidade. Vale ressaltar que, no ano anterior desse mesmo simpósio, o estudo de Giovanna também recebeu “menção honrosa”. Do que trata pesquisa tão notada e notável? Trata-se de um trabalho meticuloso que envolve a transcrição de quadros de irmãos (documentação maçônica), na cidade do Rio de Janeiro (1850 e 1872), e a criação de uma base de dados, cujo objetivo é traçar o perfil dos membros de uma instituição com grande influência nos âmbitos político, intelectual e social brasileiros, de forma a compreender a maçonaria como rede de sociabilidade. Há uma engenhosidade interessante na transcrição dos quadros, pois ela foi realizada à distância, através de fotografias tiradas dos documentos na ocasião de visita da professora Monica à sede do Grande Oriente do Brasil (GOB), em Brasília. Os documentos foram organizados por loja maçônica. Identificaram-se dados comuns presentes nos diferentes quadros de irmãos, o que foi base para a elaboração do modelo básico do banco de dados.

Até o presente momento da pesquisa, foram transcritos 52 quadros de irmãos de Lojas Capitulares, 6 quadros de Capítulos e 1 quadro de Dignidades e Oficiais, totalizando 3.325 registros. A média de membros listados é de 58,8. As lojas eram frequentadas por brasileiros e estrangeiros, residentes ou não da cidade do Rio de Janeiro. Entre os estrangeiros a presença principal é a dos portugueses, mas também se registram franceses e espanhóis. Nota-se também a importância de setores profissionais, como negociantes, empregados públicos, artistas e proprietários de terra. Assinala-se um número expressivo de comerciantes, e um número pequeno de militares e funcionários públicos, diferentemente do que, de certo modo, se pensava.

O trabalho de pesquisa feito a partir desses quadros de irmãos é bastante interessante para traçar um perfil desse tipo de associação, das sociabilidades e influências na corte do Rio de Janeiro. Reveste-se de originalidade, pois se trata de período pouco abordado até mesmo dentro da historiografia já existente sobre a história da maçonaria brasileira. Para uma pesquisa de iniciação científica esses resultados são excepcionais.

Por sua vez, Julio Cesar Machado Carvalho apresentou o trabalho “Diálogos epistolares de Cassiano Ricardo (1895-1974): mapeamento e perspectivas de estudo interdisciplinares”, que resulta de pesquisa orientada pelo professor Marcos Antonio de Moraes. A pesquisa é original, pois não se conhecem estudos sobre a correspondência de Cassiano Ricardo, diferentemente de outros autores modernistas. Daí que uma das tarefas a serem empreendidas pelo pesquisador é a de localizar as cartas do autor trocadas ao longo de sua vida, que estão situadas em diversas fontes (publicadas em livros, periódicos, acervos públicos e privados). Essa pesquisa pretende apreender a singularidade temática discursiva dessa documentação epistolar e pode iluminar pontos ainda não evidenciados da biografia do poeta e lançar novas abordagens de sua obra literária.

A leitura da fortuna crítica de Cassiano Ricardo mostrou que uma nova camada de significado vem ganhando espaço nos estudos de sua obra literária. Não seria possível levar a cabo essa pesquisa, com esse nível de qualidade, se os seus arquivos não estivessem disponíveis aos pesquisadores, por exemplo, no IEB/USP ou no Fundo Cassiano Ricardo do Arquivo Público do Município de São José dos Campos, criado em 1993.

Jaime Tadeu Oliva

Professor – IEB/USP

<https://orcid.org/0000-0002-5540-629X>

[publicação]

RIEB 91: fontes, paisagens, acervos e letras

Culturas e identidades brasileiras formam o oceano multidisciplinar por onde navega e pesquisa o Instituto de Estudos Brasileiros. Espaço de debates teóricos e análises de questões contemporâneas e históricas do Brasil, a *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, iniciada em 1966 – quatro anos depois da criação do IEB por Sérgio Buarque de Holanda em 1962 –, foi editada sem interrupções até 1997. Voltou a ser publicada em setembro de 2006, reforçando sua proposta integradora dos vários ramos das humanidades. Também sempre funcionou como divulgadora do acervo do IEB, que inclui coleções de nomes fundamentais da cultura brasileira, como Mário de Andrade, Anita Malfatti, Caio Prado Jr., Guimarães Rosa, Camargo Guarnieri, entre outros. Com o início da pós-graduação em 2008, a *RIEB* foi se vinculando ao Programa Multidisciplinar em Culturas e Identidades Brasileiras, tendo uma excelente avaliação junto à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes).

Seguindo sendas interdisciplinares, como quase em todas as suas edições, a *RIEB* 91 (<https://revistas.usp.br/rieb/issue/view/13750>) navega mares antigos e contemporâneos, vindo do século XVIII até os dias atuais. Os artigos e seções desse número mostram como a especificidade das fontes é fundamental, para este Instituto, na produção de pesquisas. Assim, obras de artes visuais, obras literárias, imprensa, cartas, diários, manuscritos inéditos foram indutores dos textos e imagens apresentados. Sertão, cidade, mulheres, crianças, indígenas, preconceito, política, moda articulam reflexão.

Finalizando o mês de setembro, é possível apontar primeiramente o

artigo “Entre reproduções e exposições: a circulação de Independência ou morte!, de Pedro Américo”, de Michelli Scapol Monteiro, que analisa como se deu a circulação e a recepção da tela *Independência ou morte!*, de Pedro Américo, mostrando como esse quadro influenciou na construção de um imaginário social sobre a independência brasileira. Já a pesquisa nas páginas da revista *S. Paulo* (1936) e do jornal *Anhanguera* (1937) permite a George Leonardo Seabra Coelho analisar, em “Movimento Bandeira e propaganda eleitoral: a campanha em prol da eleição de Armando de Salles à presidência da república (1936-1937)”, o ideário bandeirista na construção de Armando de Salles como personalidade de nacional.

Voltando no tempo, a seção Documentação traz duas raríssimas missivas assinadas por duas mulheres escravizadas, Joanna Jacinta e Maria Thereza. Em “Cartas pela liberdade: escritas de mulheres escravizadas em Minas Gerais no século XVIII”, Bea-

triz de Freitas Cardenete e Vanessa Martins do Monte apresentam e transcrevem, em bases filológicas, suas mensagens.

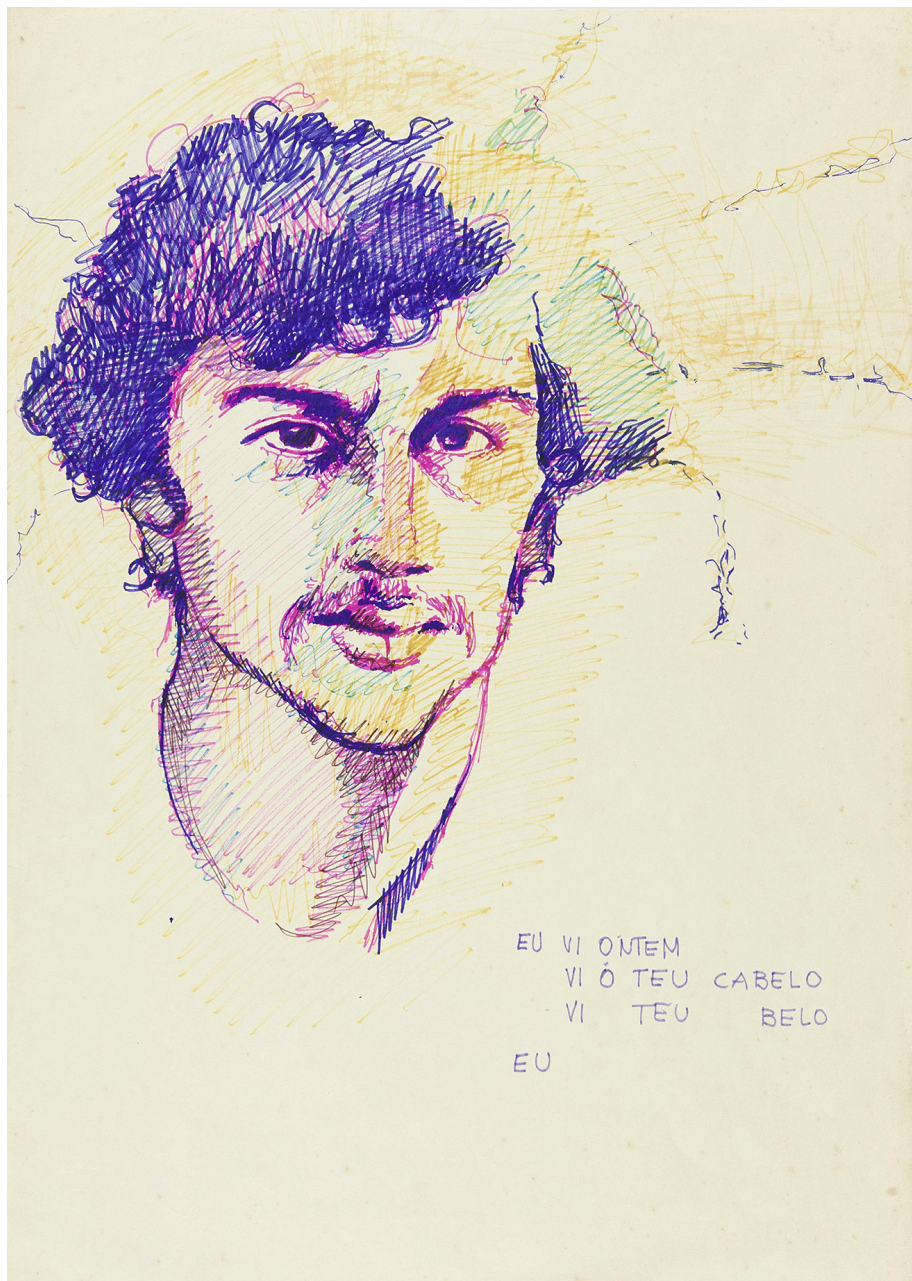
Angela Teodoro Grillo, no artigo “Mário de Andrade, estudioso do preconceito e da linha de cor no Brasil”, trabalha documentos produzidos pelo autor para refletir sobre a compreensão de Mário a respeito do preconceito de cor no país. Fillipe Augusto Galetti Mauro articula a obra literária *Macunaíma*, uma “rapsódia antropofágica”, à tradição satírica de romances de François Rabelais, em “No tacho de Piaimã – gigantes de Rabelais e Mário de Andrade”.

Assim como as pinturas, a literatura contribui para a formação de um imaginário espacial sobre o país. No ensaio “Um sertão abismo”, Jonas de Campos Azevedo relaciona imagens sensíveis de Os sertões, de Euclides da Cunha, e Grande sertão: veredas, de Guimarães Rosa, evocando sentidos configuradores da palavra. Chega a dizer que, “na contraposição de uma geografia precisa, está a ideia de um lugar sempre mais distante”. Amanda Mirage, em “Deuses que riem e o Antropoceno: uma leitura contemporânea de Maíra, de Darcy Ribeiro”, insere a noção de Antropoceno na discussão sobre espaço e literatura.

A questão de aquisição e guarda de acervos é um tema muito sensível para o IEB, que discute a necessidade da formação de uma política institucional para receber acervos pessoais. Luccas Eduardo Maldonado, em “O arquivo pessoal e a biblioteca de Paulo Duarte na Unicamp: a origem de uma política de aquisição de acervos pessoais”, reflete sobre a motivação que levou o autor a vender seu acervo para a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) na década de 1970. É sempre bom lembrar o caso do acervo Mário de Andrade, incorporado em 1968 e desde então salvaguardado pelo Instituto, constituindo-se como



A *RIEB* 91 homenageia, com imagens preservadas na Coleção de Artes Visuais do IEB, o artista Flávio Império



Desenho de rosto masculino, s.d. Caneta hidrográfica sobre papel, 47,7 x 32,7 cm. Coleção Flávio Império, Coleção de Artes Visuais do IEB/USP, FI-AP0475

um momento inaugural das coleções que se seguiram. O Editorial da *RIEB* 91 faz referência ao seu valor e à sua potência de criação de pesquisas: “composto de documentos de tipologia variada, como manuscritos, cartas, livros e obras de arte, o acervo de Mário permanece um laboratório vivo de reflexões renovadas”. No processo de trabalho com o acervo de Mário de Andrade, a atuação da professora Telê Ancona Lopez foi e continua fundamental. Nesse número, Telê é tema de artigo de Giovani T. Kurz, “‘Retém o instante, desconfia da memória’: a crítica genética de Telê Ancona Lopez”, que mostra sua relevância para o campo epistemológico e metodológico dessa crítica. Na seção Criação, Telê assina o ensaio interdisciplinar “A palavra na pintura

ou Oscar Wilde (1854-1900) & Francis Bacon (1909-1992)”, articulando palavras do escritor com o artista plástico.

O acervo do artista, cenógrafo, figurinista e professor Flávio Império (1935-1985), composto de mais de 3 mil itens, foi doado pela família em 2016 ao IEB, que cedeu 38 obras para a exposição *Flávio Império: tens a vontade e ela é livre* na Pinacoteca de São Paulo. A edição da *RIEB* homenageia sua atuação como professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP) entre 1962 e 1977, quando teve uma prática pedagógica inovadora, de liberdade e criatividade. Charle Ferreira Paz e Cintia Abrunhosa Pinto Sada analisaram os modelos de democratização do ensino

superior no artigo “A face não tão oculta das políticas públicas de democratização do acesso à educação superior no Brasil”.

A presença das mulheres sempre é forte na revista. Em “Noêmia Mourão: a Marie Laurencin das Américas?”, Letícia Asfora Fabbella Leme mostra como a pintora Noêmia Mourão foi influenciada pela pintora francesa Marie Laurencin durante os anos em que esteve em Paris (entre 1935-1940). Brunno Almeida Maia e Silvana de Souza Ramos divulgam dois manuscritos inéditos (localizados no seu fundo pessoal, no IEB) da filósofa e professora de estética da USP em “Vestir o corpo com palavras: moda e literatura nos escritos de Gilda de Mello e Souza”. Mariana Diniz Mendes resenhou o livro *Josephina, Ignez e Délia: a literatura combativa das mulheres de letras no Brasil de fins do século XIX* (2024), de Laila Thais Correa e Silva.

Novos olhares podem ser trazidos pela correspondência entre intelectuais ou por análises inovadoras de diários pessoais. Raphael Salomão Khéde, no artigo “A viagem de Jakobson ao Brasil através da sua correspondência inédita com Mattoso Câmara e Boris Schnaiderman”, analisa cartas do professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH/USP) Boris Schnaiderman enviadas a Mattoso Câmara, que escrevia ao famoso linguista russo Roman Jakobson a respeito da sua viagem ao Brasil, que viria a ocorrer em 1968. Elisângela da Silva Santos, em “As cartas brasileiras na trama epistolar de José Enrique Rodó (1898-1910)”, mostra como a correspondência do escritor uruguaio com diferentes autores visava criar uma rede de sociabilidade de literatos da América Latina. Denilson Lopes abre novas perspectivas sobre os diários de Lúcio Cardoso, praticando uma leitura que transcende os cânones heteronormativos no artigo “Para desejar o impossível: diários queer de Lúcio Cardoso e Roland Barthes”.

O olhar das crianças sobre seu próprio tempo, tão raras vezes notado, também é levado em consideração na *RIEB* 91, recuperado por Juarez José Tuchinski dos Anjos no artigo “Escrituras infantis nas colunas da jornalista Yvonne Jean (Brasília, 1962)” no jornal *Correio Braziliense*.

Fontes múltiplas e diversas, culturas brasileiras, acervos do IEB: sementeiras de pesquisas.

Dulcília Helena Schroeder Buitoni

Professora sênior – IEB/USP

<https://orcid.org/0000-0003-2695-5529>